



RODRIGO DE OLIVEIRA

A BATALHA DOS MORTOS



FARO
EDITORIAL



RODRIGO DE OLIVEIRA

A BATALHA DOS MORTOS

 **FARO
EDITORIAL**

INTRODUÇÃO



IVAN TENTAVA RESPIRAR, mas cada mínima porção de oxigênio alcançava seus pulmões com dificuldade extrema. A criatura diante de si o segurava fortemente pelo pescoço com sua mão seca, forte, dura como aço. Seus pés balançavam no ar, tentando inutilmente alcançar o chão.

Ele segurava o pulso da zumbi com ambas as mãos, imprimindo um esforço sobre-humano para afrouxar a pressão em sua garganta. Acima de tudo, Ivan tentava ganhar tempo. Não podia acreditar na força descomunal do ser que permanecia indiferente às suas investidas contra ele, ao seu desespero.

A zumbi sustentava seus mais de noventa quilos com facilidade, como uma criança segura um brinquedo. Era isso que Ivan representava para ela naquele momento: um muito aguardado brinquedo. Ou troféu.

Ivan olhou em volta, procurando algum sinal de vida. Rezava para avistar algum soldado, um dos seus companheiros de armas, mas não via ninguém. Tudo indicava que não havia outros sobreviventes.

Em todas as direções ele só enxergava zumbis. Milhares de criaturas, incontáveis. Eram tantos que ocupavam todos os espaços possíveis. Estavam entre as casas destruídas, os Urutus espatifados, os corpos de seus amigos e amigas que agora eram dilacerados pelas feras sedentas de sangue. Todos mortos. E Ivan seria o próximo a morrer, não tinha dúvida.

Começava a ver alguns dos seus comandados se levantar, renascidos do inferno e convertidos em mortos-vivos devoradores de homens.

Todo o bairro estava em ruínas, com árvores e postes tombados por todos os lados. Casas, prédios, muros, nada fora poupado. Até mesmo carros enferrujados que jaziam abandonados havia mais de um ano por aqueles lados se achavam de rodas para cima. Alguns veículos, sem donos desde o evento que transformara dois terços dos humanos em mortos-vivos, estavam completamente retorcidos como se fossem de papel.

Mais adiante Ivan avistava peças de artilharia destruídas e um caminhão de transporte de militares todo achatado, de cabeça para baixo, com algumas rodas ainda girando teimosamente, enquanto a carroceria pegava fogo. Uma grossa coluna de fumaça subia para o céu e um cheiro acre se espalhava ao sabor do vento. No céu, as primeiras aves carniceiras começavam a voar em círculos, atraídas pelo odor da morte.

Ivan se obrigou a olhar para o rosto da criatura monstruosa que o segurava com força. Tentava reunir coragem; não queria que seus últimos momentos fossem dominados pelo absoluto terror. Ele sentia que a desgraçada queria isso; ela desejava quebrar seu espírito antes de trucidar o seu corpo, e esse prazer Ivan roubaria dela.

O mais perturbador era que se tratava de um rosto assustadoramente familiar. Um rosto conhecido, a face outrora bela de uma mulher. Mas, nos olhos brancos e leitosos do ser, Ivan enxergou o Abismo. Não viu nada menos do que o Inferno, porque aquela criatura era a personificação do Mal. Um demônio que fora libertado sobre a Terra para esmagar o que havia sobrado da humanidade.

Ivan se perguntou como pudera permitir que as coisas chegassem àquele ponto. Se ele tivesse sido menos teimoso, se tivesse escutado os inúmeros avisos. Mas não escutou ninguém. Ele ignorou todos os conselhos, e agora aqueles que o seguiram estavam mortos. E a única pessoa que poderia tentar salvá-lo se encontrava longe dali.

Naquele momento, morrer não seria uma tragédia. Muito pelo contrário, seria um imenso alívio.

— O que está esperando, sua piranha? Mate-me! — Ivan gritou com imensa dificuldade, usando o pouco que restava de suas energias.

Sua cabeça girava, e ele começava a sentir náuseas. Sabia que em breve perderia os sentidos. Estava ferido, sangrando, e não conseguia mais respirar.

Vendo a patética tentativa de Ivan demonstrar coragem, a criatura grunhiu de um modo que parecia rir. Uma risada diabólica, sarcástica e infernal, daquelas que se ouvem apenas em filmes de terror.

Estela, me perdoe, Ivan pensou. A culpa é toda minha. Você tinha razão o tempo todo.

Enfim, sua visão escureceu, e ele mergulhou na escuridão.

CAPÍTULO 1

TAUBATÉ



O GRUPO DE FUGITIVOS aguardava pacientemente o melhor momento para avançar. Era noite alta, e todos sabiam que poucas pessoas, além dos vigias, estariam acordadas naquele momento. Mesmo os outros prisioneiros como eles dormiam, após um dia estafante de trabalho árduo.

Isabel, uma mulher esguia, de trinta anos, ia à frente, observando a movimentação dos homens encarregados de vigiar aquela parte do pátio. Seus cabelos eram escuros e encaracolados, a pele, morena clara, e os olhos, negros. Perdera as belas curvas de seu corpo desde que fora capturada, porém mantinha as lindas feições, um rosto com contornos fortes e cheios de personalidade.

Eram ao todo seis pessoas. Além de Isabel, participavam daquela ação desesperada quatro homens e mais uma mulher, que aguardavam em silêncio, escondidos à sombra produzida pelo galpão ao lado do pátio.

Estavam todos dentro do Comando de Aviação do Exército, o gigantesco quartel que servia de centro de treinamento de pilotos de helicóptero, e que preparava soldados para missões de combate que envolviam transporte de tropas e cobertura aérea. Era também conhecido como Brigada Ricardo Kirk, uma homenagem ao primeiro oficial aviador da história do exército brasileiro, cujos restos mortais repousavam num monumento ali mesmo, dentro do complexo.

Naquele local eram treinados pilotos, técnicos em manutenção, líderes de esquadrões e todo o contingente de profissionais necessário para ações de combate aéreo com helicópteros. Tratava-se de um complexo fortificado que ocupava uma área de duzentos e sessenta e quatro hectares, e que abrigava o QG do Comando de Aviação do Exército e o Centro de Instrução de Aviação de Taubaté.

Ficava de frente para outro ponto de referência de Taubaté, o Hotel Mazzaropi, famoso por ser considerado um dos melhores hotéis-fazendas do Brasil, e que agora se achava destruído por um incêndio gigantesco ocorrido no dia da grande infestação de zumbis.

O Comando de Aviação do Exército era tão grande que possuía três hangares, uma torre de controle de tráfego aéreo, um pátio de estacionamento de aeronaves, heliporto e até mesmo uma pista de decolagem que permitia pousos de aviões de grande porte.

Acima de tudo, o quartel era cercado em todas as direções por grossas grades de arame, bem como uma cobertura de arame farpado, o que tornava aquele local praticamente intransponível para os mortos-vivos daquela região.

Um local que parecia ideal para sobreviver ao inferno que se instalara, se não fosse pelo fato de que era controlado por um grupo de psicopatas. Era daquele campo de concentração que Isabel e seus companheiros tentavam fugir naquele momento. Eles sabiam dos riscos. Se fossem pegos, Emmanuel iria fazê-los implorar para morrer, assim como fizera com outros que ousaram desafiar seu poder.

Todos permaneciam em silêncio, protegidos pelas sombras. O galpão tinha mais de dez metros de altura e trinta metros de largura, com imensas portas de correr que davam acesso ao prédio amplo. Ficava pouco à frente da construção onde se posicionavam os vigias armados que observavam a tudo de cima do telhado. Daquele ponto, um potente refletor, alimentado por um gerador a diesel, iluminava todo o pátio, mas mantinha na penumbra a lateral do galpão que servia de esconderijo para o grupo.

— Por quanto tempo mais iremos esperar? — Marcelo perguntou para Isabel.

Ele era um homem rude, com jeito de matuto. Uma pessoa criada na roça e que mal sabia ler e escrever, e se tornara o melhor amigo daquela moça, que liderava o bando.

— Pelo tempo que for necessário. Duvido que eles fiquem lá a noite toda sem um momento sequer de distração. Não são tão disciplinados assim. Antes de isso tudo começar, não passavam de dois traficantes de porta de escola. — Isabel não deixava, nem por um instante, de observar os dois homens.

— Eles até podiam ser dois vagabundos lá fora, mas aqui têm rifles de longo alcance, e atiram muito bem. E têm autorização para atirar para matar — Marcelo respondeu, preocupado.

Isabel continuava vigiando. Se estivesse mais perto talvez conseguisse captar algo que permitisse saber se eles planejavam se afastar do posto de vigilância, mas daquela distância era impossível.

— Consegue captar alguma coisa daqui? — Alessandra sussurrou.

Ela era a outra mulher do grupo. Negra, quarenta e poucos anos, estatura mediana, um pouco acima do peso e tão valente e turrona quanto Isabel.

— Não, nada. Precisaria estar muito mais perto. Mas tudo bem, já sabíamos que estaríamos no escuro, certo? Vamos seguir o plano e esperar o momento adequado. — Isabel tentava passar segurança para os demais.

Mas ela mesma estava apavorada. Se alguém desse pela ausência deles, iria caçá-los sem piedade.

Do ponto em que eles estavam até a cerca de proteção eram cerca de cinquenta metros de distância, por isso escolheram tentar a fuga por aquele ponto.

As outras opções de escapatória implicavam um espaço muito maior a ser percorrido. Dali eles conseguiriam chegar até o cercado em poucos segundos. Em seguida, Marcelo se encarregaria de cortar a cerca com o alicate o mais rápido possível, e então correriam na direção da mata.

O entorno do quartel, outrora bem cuidado, agora era coberto pelo mato que crescia junto à cerca. Seria a única vantagem deles; uma vez tendo ultrapassado o cercado poderiam correr para dentro do matagal, o que dificultaria a ação dos atiradores e dos homens de Emmanuel, que, segundo Isabel acreditava, partiriam em seu encalço.

Todos sabiam que não era por coincidência que Emmanuel designara seus melhores atiradores para proteger aquele flanco. Podia ser a opção mais viável para fuga, mas era também a mais perigosa. Se do lado de fora o capim podia servir de camuflagem, do lado de dentro tratava-se de um

espaço aberto e bem iluminado. Se eles fossem avistados, seriam crivados de bala, sem piedade. E, caso os atiradores não os matassem, Emmanuel na certa não os perdoaria.

Outra coisa que assustava a todos eram os zumbis. Correriam praticamente às cegas, e ficaria cada vez mais escuro à medida que se afastassem do quartel. E eles não faziam ideia de quantas criaturas estariam vagando naquela área.

O que eles sabiam era que de tempos em tempos alguns mortos-vivos se aproximavam da cerca, espiavam a movimentação e chegavam até mesmo a rosnar para as pessoas e socar a tela de arame. Porém, esses episódios sempre eram breves, e a feras invariavelmente se retiravam.

Passaram-se longas duas horas de espera sem que nada mudasse. Os dois vigias não se afastavam do seu posto de observação nem por um instante sequer, e o ânimo do grupo começava a ceder.

A cada novo sinal de que seus companheiros estavam esmorecendo, Isabel falava algumas palavras de incentivo.

— Não se preocupem, tenho certeza de que é tudo mera questão de tempo. Aposto que daqui a pouco eles vão querer comer alguma coisa — Isabel argumentou.

— E se eles se revezarem? — Alessandra franziu a testa.

— Os caras estão ali principalmente para garantir que não tem nenhum zumbi dentro do quartel. Isso ficou bem claro quando me aproximei de Emmanuel, outro dia. — Isabel sentiu um calafrio, pois aquele homem realmente a deixava apavorada. — Faz tempo que ninguém tenta fugir, e os últimos que tentaram foram punidos com a morte. Assim, eles consideram as tentativas de fuga uma preocupação do passado.

— Mesmo assim eles podem não querer deixar o posto sem ninguém por medo dos zumbis — Alessandra argumentou. — Eu mesma morro de medo daquelas coisas, quase tanto quanto de Emmanuel.

— Eles estão mais relaxados, tenho observado isso em todos nos últimos tempos. Estão muito autoconfiantes pelo fato de fazer algum tempo que não sofremos nenhuma invasão. — Isabel balançou a cabeça. — E como hoje não teve nenhum incidente, aposto que mais cedo ou mais tarde...

Mas Isabel se interrompeu ao perceber a movimentação no telhado do prédio onde os homens faziam a vigilância.

Uma senhora de cabelos grisalhos, aparentando quase sessenta anos, se aproximou de ambos, com um pequeno volume embrulhado com um

pano de louça numa das mãos e uma jarra na outra. Isabel era capaz de apostar que ela levava o jantar da dupla de vigias.

— Atenção, eu acho que esta pode ser a nossa chance! — Isabel falou, animada. — Ela trouxe a comida dos dois. Tenho certeza de que um não vai ficar esperando enquanto o outro come. Aposto que vão parar para comer juntos.

Isabel tinha razão. Os dois desembrulharam os pratos e cheiraram a comida, famintos. Um era Jacinto, moreno e baixinho, com cabelos encaracolados. O outro se chamava Nestor, era negro e magrelo, com cabelos bem curtos, quase rapados. Ao que tudo indicava, nenhum dos dois contava mais do que vinte e dois anos.

— Esse seu picadinho com batata é o que há, dona Mariana! — elogiou Nestor, animado. — Meu estômago está roncando!

— Então, aproveita para comer, que eu trouxe bastante. Nunca vi alguém comer tanto. Você mais parece um poço sem fundo! É magro de ruim! — Dona Mariana sorria. Apesar da situação em que eles se encontravam, ela simpatizava com os dois rapazes. Não podia deixar de pensar também que era graças a pessoas como eles que havia tempos ela não se preocupava com os zumbis. Suas preocupações se voltaram apenas para os vivos.

Os dois fizeram mais alguns comentários e agradeceram à dona Mariana, dispensando-a em seguida. Depois, sentaram-se no cascalho que cobria o telhado, com os pratos de comida em mãos; não sem antes darem uma última olhada para o pátio.

O momento era aquele.

— É agora pessoal, vamos! — Isabel sussurrou. — Fiquem todos juntos e permaneçam abaixados. Marcelo, você está com o alicate preparado?

— Sim, está na mão. — Marcelo engoliu em seco e olhou para o telhado, onde não se via ninguém.

Os vigias não estavam visíveis daquele ponto. Era agora ou nunca.

Isabel avançou devagar, adentrando o pátio iluminado, o tempo todo de olho no telhado do prédio vizinho, tentando enxergar a dupla de atiradores. Mas realmente parecia que os dois se achavam entretidos com a comida. O palpite dela estava certo. O resto do grupo a seguia de perto.

— Vamos rápido! Todos juntos e em silêncio! — Isabel ordenou em voz baixa, avançando com cuidado na direção do cercado, com os demais logo atrás de si.



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
PROL EM MARÇO DE 2016